

ACADEMICO

jornal catarinense de cultura

ANO V - N° 46 - JULHO 79 - BLUMENAU - SC - Cr\$ 5,00.

IV FUC

DIAS: 6 - 7 - 8
DE
SETEMBRO
LOCAL:
PROEB
BLUMENAU-SC

**PARTICIPE,
SUA CANÇÃO VALE OURO**

FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO
ÂMBITO NACIONAL

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO { DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA FURB

CO - PROMOTORES { TV. COLIGADAS/CANAL 3
JORNAL DE SANTA CATARINA
TV. CULTURA DE FLORIANÓPOLIS

PATROCÍNIO:



**HOLDEMAR
DE MENEZES
NA 3ª
SEMANA
DE ESTUDOS
CRIMINAIS**

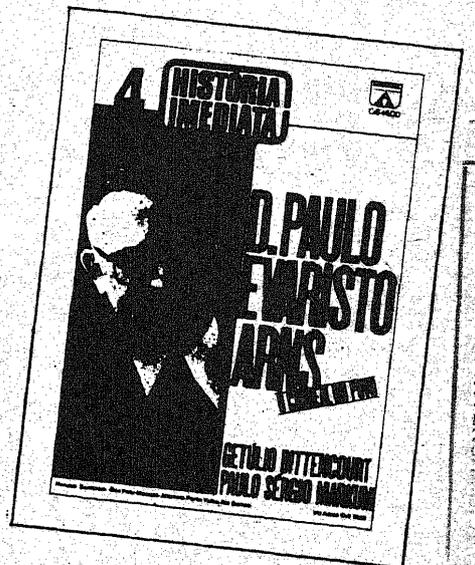


-CARLOS JARDIM -
"PARA OS INTERESSADOS,
O VIRA-LATA
NÃO VAI MORRER"



IVAN LINS
E OUTRAS NOTÍCIAS DO
IV FESTIVAL UNIVERSITÁRIO
DA CANÇÃO.

**D. PAULO
EVARISTO
ARNS EM
HISTÓRIA
IMEDIATA**



ARTES

CONGRESSO

HISTÓRIA

LIVROS

EXPOSIÇÕES

LITERATURA

PERIÓDICOS E INTERCÂMBIO

PERIÓDICOS E INTERCÂMBIO

EXPEDIENTE

ACADÊMICO
Jornal Catarinense de Cultura

Jornal Catarinense de Cultura e Órgão de Divulgação do Diretório Central dos Estudantes de Blumenau (DCE).

Endereço - Rua Antônio da Veiga, 140 - Caixa Postal 1124 - 89.100 - Blumenau - Sta. Catarina - Brasil

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pelas Parkes Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Domingos Sávio Nunes
Roberto Diniz Saut
Fred Richter

José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, à polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete Onório Olsen; Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

Desenho e Arte — Silvio Braga (Magru), Otto (Friez)

Colaboradores — Blumenau — Lindolf Bell,

Gervásio Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radke, Beatriz Niemeyer, Vilson do Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins.

Florianópolis — Pinheiro Neto, Lauro Junkes, Carlos Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisani, Emanuel Medeiros Vieira, Odir Nascimento, Celestino Sachet, Glauco Rodrigues Correa, Flávio José Cardozo.

Joinville — Carlos Adauto Vieira, Alcides Bus.

Campos Novos — Artêmio Zanon.

Brusque — Inês Mafra, Luiz.

Chapeco — Marcos Antônio Bedin.

Lages — Wilson Antunes Junior.

São Paulo — Ignácio de Loyola Brandão,

Péncias Prade, Plínio Marcos.

Rio de Janeiro — João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira,

Moacyr Félix.

México — Raimundo Caruso.

Estados Unidos — Teresinha Pereira.

Porto Alegre — Antônio Hohlfeldt, Marcelo Rech.

Curitiba — Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.

Londrina — Domingos Pellegrini Junior.

Jaraguá do Sul — Augusto Silvio Pro-

dohl.



CARTAS CARTAS CARTAS CARTAS CAR-
CARTAS CARTAS CARTAS CARTAS CAR

INTERESSE NA CULTURA

Vimos cumprimentá-lo pelo periódico de cultura, e, ao mesmo tempo registrar nosso interesse em divulgar nossas publicações nesse veículo.

Com os nossos votos para o maior sucesso ao Acadêmico.
GILBERTO SCHEID
Assessor Diretoria de Divulgação
IBGE. Rio de Janeiro — RJ

GOSTEI DO QUE LI

Embora ainda não me tenha sido possível fazer a leitura inteira do livro (Os Contos Da FURB) já posso dizer que gostei do que li, do livro, da edição. Já posso lhe pedir que transmita à MOOO o meu abraço e os meus parabéns pelo seu "Sem Rimas e Sem Razão".

Vocês, a Editora Acadêmica, a FURB já são merecedores de nossas palmas.

Um abraço de **MARCOS KONDER REIS**

Rio de Janeiro - RJ.

ARROJO EDITORIAL

Parabenizo-me com seu arrojo editorial e faço votos que suas edições de livros se tornem uma grande realidade entre nós. Infelizmente não pude comparecer ao lançamento ...

Com meu abraço amigo e os melhores parabéns

LAURO JUNKES

Florianópolis - SC.

COMPLETO, INTERESSANTE E ÚTIL

Recebemos o Acadêmico repleto de artigos interessantes, como por exemplo "Cinema, Arte ou Diversão" de autoria de Carlos Braga Muller, como também "O Teatro em Blumenau", série interessante de Edith Kormann.

Completas e bastante úteis as resenhas sobre livros. Agradecemos profundamente os envios do jornal Acadêmico **KABRAL FILHO** Redator e colaborador de Alfa Centauri - Belo Horizonte - MG.

AMIGO DESCONHECIDO

Recebi o Acadêmico, não sei quem me mandou, e não o conhecia. Muito obrigado por mais esta contribuição à nossa cultura barriga-verde. Um abraço de **ALMIR MARTINS**

Imbituba - SC.

ÓTIMO NÍVEL CULTURAL

Apraz-me acusar o recebimento de **ACADÊMICO** Jornal Catarinense de Cultura, de ótimo nível cultural e gráfico ...

CARMELITA MANDARINO MICELI

Secretária de Redação, Universidade da Gama Filho

Rio de Janeiro - RJ.

O ABRAÇO AMIGO

Agradeço sensibilizado as suas manifestações de carinho e confiança com o lançamento do Jornal **A PONTE**, onde estarei constantemente ao seu inteiro dispor. Com um abraço amigo.

ODILON LUNARDELLI

Florianópolis - SC.

A finalidade desta é fazer chegar até o Acadêmico, artigo meu e marcar, assim, a minha volta como colaborador deste tão importante órgão de Divulgação da Cultura Catarinense.

Aproveito a oportunidade para desejar a todos encarregados do fabrico deste jornal grandes vitórias no campo jornalístico. A inteira disposição - **JOSÉ ENDOENÇA MARTINS**

Blumenau - SC.

APROPRIAÇÃO INDÉBITA

Recebendo exemplares atrasados do Jornal Acadêmico, lemos à página 2 da edição n° 41, de fevereiro último, a manchete "A Volta do Contestado", sobre o qual gostaríamos de esclarecer-lhe que.

1 - "O Contestado" é o título de um jornal mensal de opinião, de propriedade da Imprensa Universal Ltda., de Caçador - SC, jornal este que iniciou sua circulação em 10/06/1977.

2 - O "Contestado" é marca registrada do Instituto Nacional da Propriedade Industrial - INPI, do Ministério da Indústria e Comércio, sob n° 003055, sendo que em todo o território nacional ninguém mais, a não ser a Imprensa Universal Ltda, pode usar este título patenteado para jornal.

3 - Em 1978, enviamos correspondência a um pessoal de Florianópolis (SC), que havia lançado um jornal, indevidamente com o mesmo título de "Contestado" - cópia quase fiel deste editado em Caçador - quando solicitamos que suscitasse a publicação e/ou trocassem o título, sob pena de movermos ação judicial de uso indevido e de perdas e danos. Logo após tal mensário parou de circular.

4 - Agora, lendo o Acadêmico, soubemos que tal pessoal teima em usar ilegalmente o mesmo título da nossa publicação. Ainda não vimos nenhum exemplar da anunciada "nova fase", mas, tão logo tomemos conhecimento de sua reedição, entraremos com ação em juízo.

Ficariamos grato se publicasse estas informações no Acadêmico para esclarecimento de seus leitores e, sem mais, reiteramos nossa estima e consideração. Cordialmente "O CONTESTADO"
NILSON THOMÉ - Diretor
Caçador - SC.



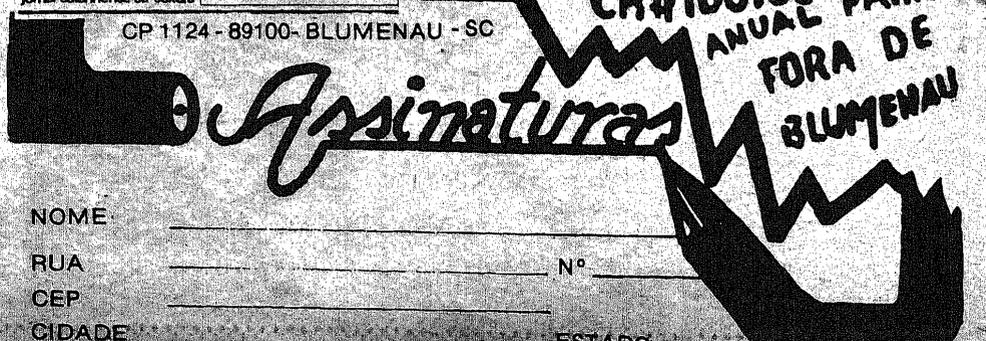
Nova Geração de Máquinas
31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

ACADÊMICO
Jornal Catarinense de Cultura

CP 1124 - 89100 - BLUMENAU - SC



NOME _____

RUA _____ Nº _____

CEP _____

CIDADE _____

ESTADO _____

IV FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO - A PROMOÇÃO MAIOR

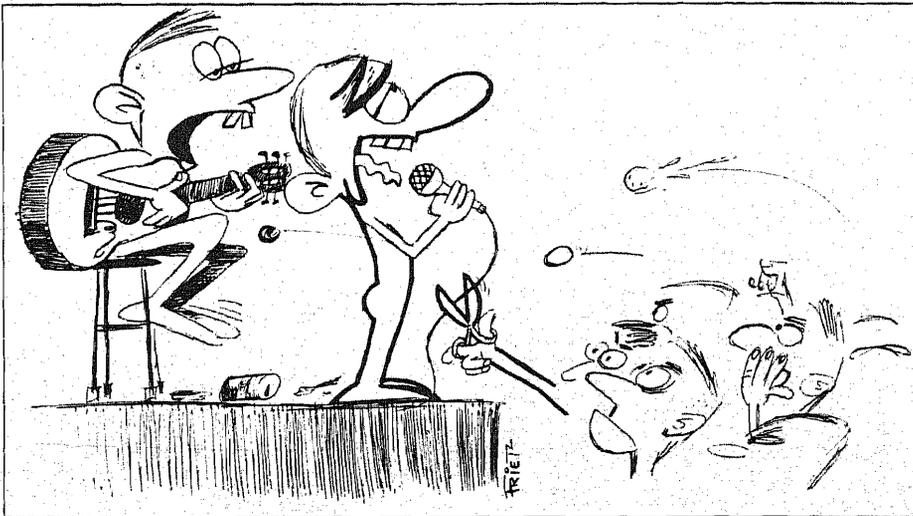
LUÍS CARLOS PABST



Presidente da comissão de Segurança.
Com relação à segurança do IV Festival Universitário da Canção, ela será efetuada principalmente por universitários e outras pessoas que se disponibilizam a colaborar, juntamente com elementos da Polícia Civil e Polícia Militar, dentro de um esquema já efetuado em anos anteriores ou seja, obedecendo um critério preventivo e não repressivo. Os universitários que desejam prestar sua colaboração com a Comissão de Segurança, podem entrar em contato no DCE com o Secretária-Executivo.

ARTHUR ALEXANDRE

Haverá venda de ingressos dias antes do Festival nas Indústrias e Colégios locais. O esquema de Bilheteria será baseado no do ano passado. Funcionarão três bilheterias para conter o afluxo dos compradores de ingressos, funcionarão também, duas catracas para melhor controlar o número de espectadores. Teremos uma Comissão de Recepção (duas moças) para conduzir os Jurados e Convidados.



ANANIAS VIEIRA FILHO



Presidente da comissão organizadora do IV FUC -

O trabalho desmedido pelos Presidentes de Comissões tem sido feito sem críticas, todos se empenhando ao máximo, cada um em sua área. Esperamos agora, total apoio dos órgãos de comunicação.

Toda a infra-estrutura está montada e o que compete ao DCE, estamos muito bem.

A polêmica em torno de Direitos Autorais - houve um mal entendido - a Organização do IV FUC ambiciona produzir um disco e por isso, incluiu aquela cláusula sobre os direitos autorais que vale para esse ano de 1979, porém, a gravação está condicionada à receita do Festival.

Agora, estamos aguardando uma audiência com o Ministro da Educação Eduardo Portela para conseguir alguma verba para facilitar com isso - o alcance de nossos objetivos.

PEDRO PAULO CLAUDINO



PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ALOJAMENTOS.

O Alojamento oficial do IV FUC - Festival Universitário da Canção, será a CME de Blumenau.

Se houver necessidade de mais vagas, estamos em contato com o Quartel e Corpo de Bombeiros.

Os alojamentos serão totalmente gratuitos para os universitários inscritos.

Quanto à alimentação, será por conta dos próprios estudantes, com alguns estudos para que os preços sejam reduzidos em diversos restaurantes (já realizados) e, inclusive a própria Cantina - Restaurante Universitário - do Diretório Central dos Estudantes.

Haverá um ônibus à disposição para o transporte de estudantes da Proeb para a FURB e vice-versa.



A COMISSÃO ORGANIZADORA (DA ESQUERDA PARA A DIREITA)
JOSE LUIZ DIAS DE SOUZA, ROBERTO DINIZ SAUT, ANANIAS VIEIRA FILHO, DIANARI MARQUES, OLDEMAR OLSEN JR., LUIS CARLOS PABST, MARIA ODETE O. OLSEN, PEDRO PAULO CLAUDINO.

ROBERTO DINIZ SAUT



PRESIDENTE DA COMISSÃO DE INSTALAÇÃO

A Comissão de Instalação reveste-se de uma responsabilidade, também fundamental, pelo simples fato de ter como missão precípua o sistema do Som, que neste ano pretende alcançar, praticamente, 100% de perfeição.

Não se pode conceber um Festival onde se perceba dificuldades por parte do público em acompanhar palavra por palavra dos universitários intérpretes. Não concebemos problemas de acústica reverberação e outros. Daí, porque neste ano, através do Sistema de Som Cassiano, com a presença de um Técnico da Glannini, garantiremos novidades em termos de aprimoramento do Som.

O palco será modificado para conforto dos universitários. FESTIVAL, UNIVERSITARIO DA CANÇÃO E UMA REALIDADE, ATE LA!

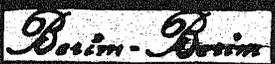
DIANARI MARQUÊS

Presidente da comissão de inscrição e recepção.

O prazo das inscrições foi prorrogado até o dia 19 de agosto até as 18:00 horas.

Cerca de 40 Canções já inscritas. Um melhor nível em relação aos Festivais Anteriores.

Dispomos de informações e melhores esclarecimentos no DCE - Diretório Central dos Estudantes de Blumenau, anexo à FURB.



Supermercado de Perfumarias

1º SUPERMERCADO DE ARTIGOS DE PERFUMARIA

DO SUL DO PAÍS

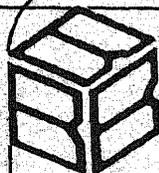
PREÇOS DE ATACADO

2.000 Artigos de Higiene e Toucador, à sua livre escolha.

LOJA 1
R. Nereu Ramos, 44
Fone: 22-0068
BLUMENAU SC

Sala de Beleza.
Artigos e Móveis para Cabeleireiros.

LOJA 2
R. Hercílio Luz, 49
Fone: 44-2122
ITAJAÍ SC



BUERGER

OS LANÇAMENTOS DA MODA PARA ESTE INVERNO VOCÊ ENCONTRA AOS MELHORES PREÇOS

3 LOJAS NA RUA XV E 1 NO BAIRRO GARCIA

3ª SEMANA DE ESTUDOS CRIMINAIS

Numa promoção da Faculdade de Direito de Blumenau, através de seu Departamento de Ciências Criminais e do Diretório Acadêmico Clóvis Bevilaqua, estará sendo realizada nesta cidade, no período de 7 a 11 de agosto a 3ª Semana de Estudos Criminais. O conclave, que vem despertando o interesse de estudantes e advogados terá por local o Teatro Carlos Gomes.

Esta Semana de Estudos Criminais constitui-se de um breve curso de extensão universitária, com palestras proferidas por especialistas no assunto propiciando aos profissionais participantes a oportunidade de aperfeiçoar e atualizar seus conhecimentos jurídicos.

Segundo o Professor João José Leal, Coordenador do Departamento de Ciências Criminais é um dos organizadores do conclave, "A Semana de Estudos, demonstra a preocupação da FURB, através de seus setores, em propiciar a profissionais liberais da área jurídica condições de aperfeiçoamento e de atualização constante.

CONFERENCISTAS

Dia 7, a palestra de abertura estará a cargo do Professor Roberto Lyra Filho que discorrerá sobre "Criminologia e Direito Criminal: Separação e Reencontro.

Já, dia 8 o tema abordado será "Modelos Tradicionais da Doutrina Jurídico-Penal; Como Superá-los?. O conferencista, Roberto Lyra, é Professor da Universidade de Brasília, e titular de Criminologia e Filosofia do Direito. Além disto é professor visitante de diversas universidades brasileiras e estrangeiras e possui importantes obras publicas.

"O CRIME DO COLARINHO BRANCO

A 3ª conferência marcada para o dia 9 às 19:30, tem como tema o Direito Penal Econômico, quando serão enfocados aspectos importantes da delinquência financeira. "As grandes

falências, que levam a comunidade e o Estado, as fraudes vultuosas na administração de empresas e nas grandes operações financeiras, a sonegação de impostos e dos encargos sociais, em resumo: os crimes do colarinho branco (White collar criminal), que constituem ações imorais e anti-sociais mas que não são objeto de processo



criminal, é que constituir-se-ão do tema desta palestra. O conferencista convidado é o ex-senador da República pelo Paraná, Accioly Filho, Professor da Faculdade de Direito de Curitiba

DIREITOS HUMANOS

"Direitos Humanos e Justiça Criminal" é o tema da conferência do dia 10.0 conferencista, Hélio Pereira Bicudo, procurador da Justiça do Estado de São Paulo, professor universitário, autor do Best Seller "Meu Depoimento sobre o Esquadrão da Morte". Bicudo tem se destacado pelo seu trabalho em favor dos direitos humanos.

Foi ele quem teve a coragem de iniciar as investigações sobre o Esquadrão da Morte em São Paulo e de processar alguns membros, que hoje encontram-se cumprindo pena em diversas penitenciárias.

UM MÉDICO ESCRITOR

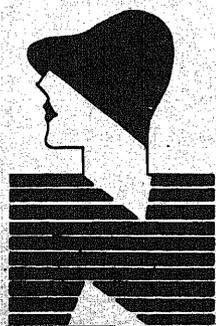
"Aspectos Médico-Legais da Transsexualidade" será o tema da quinta e última conferência. Está, a cargo do Professor Holdemar de Menezes da UFSC. Professor da Faculdade de Medicina, escritor, de sucesso com diversas obras publicadas com sucesso e membro da Academia Catarinense de Letras, Holdemar de Menezes vem desenvolvendo importante trabalho no campo da Medicina Legal.

FINAL

É propósito dos organizadores, realizar uma grande confraternização no final do conclave, talvez um almoço dia 11 data em que se comemora a fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

Para o Professor José Leal a 3ª Semana de Estudos C. assume papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento do estudo das ciências criminais em nossa região. "Estudar os fatores determinantes da atual delinquência, com base em experiências, pesquisas e opiniões de especialistas no assunto é o objetivo principal da Semana".

Diante da relevância deste conclave, seus organizadores Prof Arlindo Bernart, diretor da Faculdade de Direito de Blumenau, J.J. Leal, coordenador do Departamento de Ciências Criminais e a Presidente do Diretório Acadêmico Clóvis Bevilaqua, Beatriz Niemeyer, esperam um grande número de participantes. Inscrições podem ser efetuadas junto à secretaria da Faculdade - Fone 22-4500 - ramal 45.



nô-ella
boutique

Rua Paul Hering, 90
Ed. Kennedy - 80 Sobrejoia
Fone: 22-0937 - Blumenau - SC

Ninha
flor

Floricultura

BOUQUETS, COROAS, COLBEILES, FOLHAGENS.
DECORAÇÕES EM IGREJAS, CLUBES, RESIDÊNCIAS, ETC.

Atendemos em qualquer horário, também por telefone e entregamos em sua residência.

Rua Dr. Lulz de Freitas Melro Nº 387 - Centro - Fone 22-5237

LOJADA LINHAS LTDA.



ESPECIALIZADA EM LINHA (DE TODOS OS TIPOS) E BORDADOS.

ARTIGOS PARA PRESENTES

Rua 7 de Setembro, 971
Blumenau - SC

Telefone 22-1951
Cava, Postal 1225

ENTREVISTA EXCLUSIVA



CURRÍCULO

- Curso sobre marionetes
Universidade de Minas Gerais
Grupo Vira Lata - Professor Álvaro Apocalypse
- CURSO SOBRE TATRO INFANTIL
Escola Nacional de Artes
Rio de Janeiro - Professor Ilo Krugli
- Curso sobre Folclore Catarinense

Professor Jorge Preiss
Teatro Carlos Gomes - Blumenau

- Curso sobre direção teatral
Serviço Social do Comércio -
Curitiba - Professora Luciana Cherubin

- Curso sobre Expressão Corporal
Teatro Carlos Gomes - Blumenau
Professora Lígia Calage - RS

- Curso sobre História da Arte
Professor Jorge Hartke
Fundação Educacional da Região de
Blumenau

- Curso sobre Artes Plásticas
Escola de Arte de Blumenau
Professora Dirce Fistarol

- Curso sobre Literatura Brasileira
Colégio Santo Antônio
Professor Gervásio Luz

-Curso sobre Ritmo e Música
Professora Noemi Kellermann
Escola Superior de Música de Blumenau

- Curso sobre Interpretação
Professores Bertha Zimmel e Volnei de
Assis
Teatro Carlos Gomes - Blumenau.

CA JAR

UM
EU
GRUPO
EU
QUE M
"SEND
COM
ANDA
NÃO

ção do nosso trabalho
Sul e não tivemos su
meira semana... nós
lhando todo dia, faz
Quer dizer, cansativ
e fizemos sessenta
dizer o grupo traba
tou muito frio e mu
lizmente, a criança
ao teatro. É uma re

nós não v
porque nos
habitua
teatro, por
assistimos

não tem dinheiro. E
tro. Porque essa hist
gosta de teatro, é m
eu trabalho no cam
teatro...

MOOO — Mas n
CJ — O povo nã
tem dinheiro. Entã
cobra quinze cruz
um preço irrisório,
cento do salário m
mínimo de crian
dez, você atingi
acontece que a rec

treze pessoas, o gr
de, a gasolina está
três carros...então,
função da bilheteri

Porque se
recebendo do C
Vira-Lata, três do
ra, al nós poderi
treze, e o grupo c
É uma pena, por
cultural que se f
existe no Brasil.

MOOO — Entã
te que atribui
ao val, isso é col
ao dinheiro, ao pod

CJ — É ao poc
nós vemos que muit
teatro, e fica na p
ro para entrar, ela
de entrar, mas nã
para entrar. E a g
vel para essas cois
e vai deixando entr
zer, né. E vai de
na bilheteria, e vai
dentro e vai ver...
zeiros. Quando nós
mir em hotel simpl
dizer, é muito mais
por aqui, ficar ac
um grupo nas fábri
mais simples e eliti
dá ao luxo de ter
fazer trabalho cultu
dormimos em hotel
e um só banheiro
do. À tarde nã
tar, e tomava

o grupo é profissional de carteira assinada sindicalizado, todos sindicalizados.

MOOO — Jardim, faz um rápido históri-
co do grupo Vira Lata.
CJ — Bom, o Vira Lata começou em seten-
ta e seis como Vira-Lata, depois do curso em Belo
Horizonte. Começou em setenta e seis, aí nós
montamos o Maria Minhoca, e fizemos uma ex-
periência em vinte cidades. Tudo bem. Daí, em
setenta e sete, (em setenta e seis, nós éramos em
oito), em setenta e sete nós fomos para do-
ze, em setenta e oito, nós fomos para quator-
ze, com todas as pessoas fazendo teatro no
Vira-Lata, e montamos em setenta e sete, o
Rápido da Cebolinha, e setenta e oito, A Revol-
ta dos Brinquedos.

Mas, quer dizer, nós conseguimos sobre-
viver exclusivamente de teatro, durante dois
anos.

MOOO — Como é que o grupo se mantém?
CJ — De bilheteria.

MOOO — Só de bilheteria?
CJ — Só bilheteria. O grupo é profissio-
nal de carteira assinada, sindicalizado, todos sin-
dicalizados, e se mantém exclusivamente de bi-
lheteria. Nós ganhamos uma verba da Prefei-
tura, em troca de espetáculos, e do governo,
em troca de espetáculo também.

MOOO — Vocês fazem o espetáculo, ganham
a verba...
CJ — Não, nós fizemos um projeto para pro-
movê-lo, prá fazer sessenta municípios, e
ganhamos sessenta mil cruzelos.

Quer dizer, é uma ajuda que não paga nem
a gasolina, mas é uma ajuda que dá para o
grupo sobreviver.

MOOO — Bem Jardim, mas agora, pare-
ce que o grupo está em crise, não?
O que é que está havendo?

CJ — Olha, o grupo agora está em crise por-
que nós...já começamos com um problema
muito grande em setenta e sete, quando nós
perdemos uma Kombi. Nós, sem noção assim,
administrativa do trabalho, nós não tínhamos os
carros no seguro. E a Kombi pegou fogo na
estrada, quando estávamos no Oeste...e simplen-
mente perdemos a Kombi, com setenta mil cru-
zeiros porque foi a Kombi, e alguma coisa do
material, também se perdeu...aí nós começa-
mos a enfrentar a crise, nós não conseguimos
mais recuperar aquilo, então, isso foi crescen-
do.

nós eliminamos oito
pessoas... eles vão
trabalhar em outra
parte, vão trabalhar
em outras empresas,
ou qualquer coisa assim.

Depois, o grupo com os novos salários, o gru-
po precisava arrecadar mais, para pagar o pes-
soal. Então não havia mais condições para pagar
os treze, então nós eliminamos oito pessoas,
ficamos em cinco, vamos montar um texto
menor, os cinco vão continuar sendo de cará-
ter profissional, e os outros oito vão trabalhar
em outra parte, vão trabalhar em outras empre-
sas, ou qualquer coisa assim, e vão fazer teatro
amador. Enquanto não houver possibilidade
de se manter os treze, foi a fórmula melhor que



nós encontramos...
MOOO — E como o teatro amador, vão fazer
espetáculos somente aqui em Blumenau...
CJ — Em Blumenau, Gaspar, cidades viz-
zinhas, aqui no Vale do Itajaí, porque com o
pessoal amador não dá prá sair além do sába-
do e domingo, porque eles tem compromissos.
Agora, com o profissional, continuamos via-
jando.

MOOO — Bem, sobre a última apresenta-
ção da Revolta dos Brinquedos...
CJ — É, nós encerramos A Revolta dos Brin-
quedos...

MOOO — Porque você relançou a peça?
CJ — Bom, um dos motivos, é porque nós
precisávamos de dinheiro. Um dos motivos, é
porque nós precisávamos da bilheteria. E o
outro, uma tradição do grupo, de a gente sempre
enterrar a peça, sempre em Blumenau. Nós
estreamos em Blumenau, e enterramos sempre a
peça em Blumenau. Isso aconteceu com todos os
nossos espetáculos.

MOOO — E todos eles foram fracós?
CJ — É, a segunda apresentação é sempre
bem mais fraca, mas nós tivemos em públi-
co de ingressos vendidos, nós tivemos mil e du-
zentos ingressos vendidos...

MOOO — Então você não queimou um pú-
blico, aqui em Blumenau com essa apresentação?
CJ — Não, absolutamente, porque na primei-
ra vez nós atingimos três mil crianças, e na
segunda vez, uma base de mil e duzentas, quer
dizer, quase cinquenta por cento da estréia.
Isso são cinquenta por cento de crianças que já
viram, e cinquenta por cento de crianças que
não puderam vir. Que foram entusiasmadas
na escola, e não puderam vir. Agora se fizesse-
mos um trabalho maior, se não fosse o perío-
do de férias, porque as crianças já estavam
praticamente em férias...se nós fizessemos um
trabalho maior de divulgação nas escolas, com
a imprensa mesmo, com a própria televisão

fizemos um trabalho bem pequeno, vocês deram
uma cobertura, fizeram uma chamada, mas fi-
cou restrito aquilo, não houve grandes alardes
em torno do espetáculo. Então nós fazemos mais
assim para encerrar o espetáculo, enterro da
peça, e por precisar da receita, que nos ajuda
muito.

sempre foi considerado,
primeira coisa, pagar o
pessoal.

quinze cruzeiros pelo
ingresso, é menos de
um por cento do
salário mínimo... e
ainda atingimos um
mínimo de crianças.

MOOO — E agora, o que você estão plane-
jando.

CJ — Nós estamos montando A Sapatei-
rinha e pretendemos fazer a estréia da peça em
Itajaí. Porque Blumenau, fazer estréia em ago-
sto, fica muito pesado, fica muito espetáculo
infantil seguido. Então estreamos em Itajaí,
e voltamos a Blumenau com essa peça, na sema-
na da criança.

MOOO — E esse teu trabalho, Jardim, como
é que está tendo assim repercussão fora, e aqui
mesmo em Blumenau...você não consegue mais
apoio aqui na cidade, além da Prefeitura, por-
que vocês já reduziram o pessoal, mas é uma
pena, não? Porque dos que estavam no Vira La-
ta, todos gostavam de estar no Vira Lata.

CJ — Foi uma pena, e é assim uma ferida
que a gente não gosta nem de tocar muito,
porque realmente o Vira Lata eu, e cada vez que
falo nisso me sinto emocionado, porque a gente
criou o Vira Lata. É como um filho assim, que
a gente criou e tem que mandar embora,
entende mas não há condições. Simplesmente
não há condições. Nós fizemos uma viagem para
o Sul, que era a nossa última esperança, né.
De com a viagem pro Sul, conseguir fazer as
cidades, e recuperar o que nós tínhamos de di-
vida e pagar o pessoal, porque o nosso pessoal
sempre recebeu em ordem, sempre foi conside-
rado sagrado, primeira coisa a pagar o pessoal.
Então nossos credores atrasava sempre, uns trinta
dias, em função do teatro, o pessoal pondera-
va e mil facilidades que tínhamos assim, em fun-

nós vemos que muita criança
vai para a porta do teatro,
e fica na porta do teatro
sem dinheiro para entrar.



NA ALEGRE JARAQUÁ DO SUL, NÃO PODIA FALTAR O SORRISO DO PROBST.

RLOS DIM:

"PARA OS INTERESSADOS, O VIRA-LATA, NÃO VAI MORRER"

...DESSAS, ALGUÉM MISTERIOSAMENTE ME PERGUNTOU SE ESTAVA ACONTECENDO COM O JARDIM (DIRETOR DO VIRA-LATA, EM BLUMENAU), E COM O PRÓPRIO GRUPO. ...QUE SABIA QUE O GRUPO ESTAVA COM ALGUMAS CRISES, ...GENTE BOA ESTAVA DESISTINDO, OUTROS ESTAVAM DESISTIDOS". E O PAPO TERMINOU ASSIM, MEIO, MEIO... ...AINDA RECOMENDANDO. É, MAIS O JARDIM TAMBÉM ...POUCO SUMIDO, EU ACHO QUE TEM COISA AÍ. ...SENDO VELHA AMIGA DO JARDIM, MAS SENDO AMIGA DELE E

ADMIRANDO O TRABALHO QUE ELE, JÁ FEZ AQUI EM BLUMENAU E DESENVOLVEU POR TODO O ESTADO, PRINCIPALMENTE ANO PASSADO, FUI BATER UM PAPO COM ELE. E TERMINOU NISSO, UM TREMENDO BALANÇO ORÇAMENTÁRIO, DE UM CARO MUITO REALISTA, LUTANDO CONTRA A PROGRESSÃO DE NÚMEROS E CIFRÕES, E SOBREVIVENDO... APESAR DE TODA A PICHÇÃO QUE ESTÃO QUERENDO JOGAR PRÁ CIMA DELE.

MARIA ODETE O. OLSEN

Bom, aí nós fomos para o Sul, porque na primeira semana trabalhamos três seções por dia. Foram vinte e um dias, poucos espetáculos. Quer dizer, bastante, mas enfim, não tem dinheiro para ir para a cidade nacional, a criança

...fomos ao teatro, não fomos a ir ao futebol.

...tem vontade de ir ao teatro de dizer que o povo não vai. Eu digo isso porque o povo gosta muito de

...tem dinheiro... vai ao teatro, porque não vale a pena ir numa cidade e não pelo ingresso, que é caro, e ainda atingindo um objetivo, se você cobrar um pouco mais... mas é pequena, em função das despesas... nós viajamos em grupo, mas isso custa muito caro, em

...três Vira-Latas... três recebiam do governo e três da Prefeitura... far doze vira-latas ou mais... a fazer o trabalho... é um trabalho grande, coisa que não

...ocorre acredita que esta situação... que o povo não vai ao teatro... já ligado, mesmo economicamente...

...econômico. A criança... criança vai para praça do teatro sem dinheiro... está morrendo de vontade de entrar. Não tem dinheiro... que é artista, é sensível... a gente fica com pena, porque... o que se vai fazendo entrar, mas... chama a atenção... monte de criança lá... dois mil e quinhentos cruzados... isso só para dor... e comendo sortido. Quer dizer, a gente se acomodar em Blumenau. Ensaiar... aí, fazendo um trabalho... quer dizer a fábrica de grupo de teatro, do que de massa, porque nós já não havíamos vinte quartos... comíamos sempre sortido... para não gastar... arrafa, porque nós

não podíamos gastar e o grupo era consciente desse trabalho. Não havia o mínimo esnobismo de dizer ficar nos melhores hotéis, isso nunca, porque não haviam recursos. Mas chegava no fim da viagem, ficava-se vinte dias fora, se arrecadava com mil cruzeiros, que era receita boa, um bom número, mas a despesa era de cento e setenta.

MOOO — E tem uma saída, podia haver uma saída para isto... para este tipo de problema, uma vez que não acho que vocês sejam os únicos que se defrontam com esse tipo de problema, em termos de teatro, ou...?

CJ — Não, o problema é de ordem nacional, mas acontece...

MOOO — Mas aqui, em nossa região, não haveria uma solução, não é ela uma das regiões mais ricas do País?

CJ — Eu acho que há uma solução, e as pessoas gostam de teatro, como já disse. E volto a dizer, as pessoas gostam muito de teatro. O problema, para manter um grupo assim, eu acho que não seria interessante, por exemplo, eu não precisava nem de verba, entendo. Eu não precisaria nem de verba, não nos precisaríamos nem de verba do governo... porque nós chegamos aqui... nós ano passado, fizemos um trabalho com as escolas em Blumenau, um trabalho muito bom, onde todas as crianças vieram para o teatro, quando falamos ao diretor de Cultura, ficou mais difícil, por causa de uma série de outras promoções...

nós já dormimos em hotel, onde haviam vinte quartos e um só banheiro, e comíamos sempre sortido.

O que as pessoas acham, é que a gente ganha muito dinheiro... todo mundo tem a impressão que o teatro infantil dá muito dinheiro, porque chegam aqui no teatro Carlos Gomes... e tá lotado... tem mil e quinhentas crianças, quando ninguém lembra que aquelas mil e quinhentas crianças, pagaram dez cruzeiros. E mil e quinhentas crianças, a dez cruzeiros, corresponde a quinze mil cruzeiros. E quinze mil cruzeiros para dividir em treze pessoas para sobreviver, comprar material e pagar a gasolina e manter os carros, não é nada. É uma coisa que se avoluma.

MOOO — Então?

CJ — Então eu só acho assim, que as prefeituras, devem incentivar as idas dos grupos para as cidades, e não dar nada para os grupos. Eu não acho que devam dar diretamente, dar dinheiro, ou comprar os espetáculos, fazer os espetáculos cobrados, isso não. Porque daí gera paternalismo. Porque daí a criança acostuma, acha que o teatro é grátis, e não vai. Eu acho que a prefeitura deve ajudar a criança que tem vontade de ir ao teatro. Olha, nós fomos a uma cidade... eu nem me lembro o nome agora, onde o Lions fez um bom trabalho. Eles ficaram na porta do teatro, o pessoal do Lions... as crianças que vinham para o teatro, e não tinham dinheiro para pagar, eles pagavam. Quer dizer, não gerou paternalismo, e evitou que as crianças pulassem janela, furassem fila, aquelas coisas que elas gostam de fazer. Tem prefeituras que compra, compra o espetáculo, paga xis pelo espetáculo, e faz as crianças irem de graça. Não

educam, não levam a nada, não funciona, comprovadamente, não funciona. Nem que fosse um ou dois cruzeiros... mas, para a criança sentir que custa alguma coisa. A criança acha que se é de graça, não tem valor, ela não se interessa... porque prá ela, não tá com nada. Agora se a criança pagar o teatro, se a criança for educada nesse sentido... nós atingimos no Estado, com mil crianças por ano. Agora, nós não nunca pensamos em termos comerciais, em procurar patrocinador, porque a gente era tipo, entende, a gente nem sabe muito bem esse negócio de...

MOOO — Mas não seria uma forma de manter o grupo?

CJ — Então nós, agora estamos procurando uma agência de publicidade em Blumenau, para desenvolver esse trabalho, porque nós vendemos uma imagem para trezentas mil crianças, através de um teatro, e pode ser que eles consigam colocar a criança que... tome toddy, tome coca-cola, ajude a funcionar. Que na realidade é uma pena. Porque isso tinha que partir do próprio povo, do próprio diretor, de incentivos do governo. Nós não vamos ao teatro, porque nós não fomos habituados a ir ao teatro. Porque nós assistimos futebol. Porque a nossa rua sempre tinha um timinho de futebol. Então o teatro assim ficou. Ou a gente chega no local e passar por vendedor de livro, até que mostra o trabalho, ou então a gente entra num esquema assim de não absorver o teatro, e joga a interrogação. Daí, você vai, você mostra o teu trabalho... acabou o espetáculo, você vai conversar com as crianças, quem é o autor, porque ele tem esse nome, ou o pseudônimo que ele usa, ou os trabalhos que já fez, aonde ele mora, que ele já foi um brasileiro, já foi criança, você mostra o teu trabalho, procurar fazer com que alguém lá escreva alguma coisa mais tarde, que comecem a aparecer artistas e valores culturais, daí então as professoras começam a achar que melhorou, mas elas próprias não tem culpa, porque elas nunca assistiram a um teatro.

MOOO — É isso, ali que eu queria chegar. Como a classe dos professores está recebendo, recebeu o grupo de vocês, ou nem tomaram conhecimento?

CJ — Não. Em muitos lugares assim, existe hospitalidade, professoras interessadas, mas grande número das professoras, e eu não sei se seria exagerado em dizer que sessenta por cento das professoras, nunca assistiram a uma peça teatral. Elas nunca foram motivadas. Quanto a gente encontra na comunidade uma pessoa que sente alguma coisa por teatro, o trabalho é mais fácil. Mas a gente chega em lugares, que é uma verdadeira parada, entende.

a criança tem de pagar para sentir que vale alguma coisa. senão ela vai ao teatro, começa a gritar no meio do espetáculo, não se interessa.

MOOO — E, especificamente em Blumenau?

CJ — Não. Blumenau é uma cidade aberta para isso. Em Blumenau nós atingimos vinte mil crianças. Vinte mil crianças foram inicia-

das em teatro, anualmente. E se nós conseguirmos através da Prefeitura, fazer as escolas de novo aqui, nós então vamos ter mais vinte mil, quer dizer, isso feito durante cinco anos, vai despertar nas pessoas e nas crianças que serão os adultos de amanhã, o gosto pelo teatro. E é comprovado que o teatro, é a porta de todas as artes. Quem não tem criatividade pelo teatro, (iniciação de qualquer arte) nunca será um pintor, nunca será um músico, nunca será nada.

MOOO — Mas por enquanto a opção de vocês, está sendo assim, bem restrita, com todas essas crises. Vai ser fábrica...

eu não vou entregar a batalha assim fácil, não. eu vou lutar até a última hora

CJ — Estamos fazendo fábrica. Com o grupo amador, nós vamos continuar. Nós não vamos desistir, entende. Porque eu, eu faço teatro aqui há três anos. Três anos eu trabalho pelo teatro. E, eu não vou entregar a batalha assim fácil, não. Eu vou lutar até a última hora. O grupo profissional vai continuar, vai montar peça menor em elenco. Nós tínhamos uma equipe de promotores de primeira linha. Os nossos promotores foram fazer um fantoche em todas as salas de aula. As crianças adoravam e nunca tinham visto uma aula de fantoche, os professores nunca deram uma aula através de fantoche, nunca! O professor não sabe mexer com o fantoche, não tem a mínima habilidade para mexer com o fantoche. Parece incrível, mas é a pura verdade. O professor não sabe. Bom, os promotores promoviam o espetáculo com o fantoche. E eles, já foram dispensados, não são mais funcionários. E eles estavam criando mesmo. Então agora vão ter de trabalhar em banco, que todos detestam trabalhar em banco... prá poderem sobreviver.

MOOO — Em termos de texto, de autor, o que vocês estão procurando, a peça que você citou antes, de quem é?

CJ — Ela é do Alvaro Pereira. Esse texto que nós vamos montar, agora, chama-se A Sapateirinha, mas nós fizemos ano passado textos do Pernambuco de Oliveira, ano passado com a Maria Clara Machado, dois anos a Maria Clara Machado. O texto do Alvaro é muito bom, premiado, inclusive, onde uma menina através do sonho, cria uma série de imaginação, cria uma série de personagens, onde um autor só desenvolve. São onze personagens, desenvolvidos por três autores.

MOOO — E em termos de autor catarinense, tem algum trabalho que possa ser desenvolvido?

CJ — Eutenho aqui alguns textos do Nilson Meilo. Já procurei a Malú, de Florianópolis, mas eu não consegui falar com ela. Eu gostaria de para o ano que vem montar um teatro infantil, em cima do boi-de-mamão. Só que eu sou diretor de teatro e, ator, e não consigo escrever. Então eu quero ver se converso com alguém que esteja disposto a escrever um texto infantil, em cima do boi-de-mamão, porque seria um trabalho muito bom.

MOOO — Jardim, do teu currículo, o que é para dizer?

Põe aí: 15 anos de experiência como ator e diretor. Não tenho curso na PUC ou FUCS... só faço teatro. Duzentas a trezentas apresentações por ano.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

"UM BLÁ... BLÁ... BLÁ..."

PARA UM AMIGO"

Dou-te caro amigo, daqui, um recado pelas coisas surpreendentes e que fazem pasmar os mais incrédulos, num sinónimo de incompetência e falta de imaginação de certas pessoas quando se trata de buscar as soluções nos preceitos da administração de hoje.

Valho-me, illustre companheiro, desta antiquada arte da escrita para dar-te, como outrora sabiamos alguém escreveu, "Uma Mensagem a Garcia". Creia-me que a par da carência de estilo, quero dizer-te que haverás de perceber, pois sei da tua sensibilidade, o quanto padecemos diante da ignominiosa estupidez dos que não sabem redigir um bilhete e muito menos uma carta para um amigo.

Estamos em crise de petróleo, é verdade, mas não apenas, de competência também, de sensibilidade, de arte, de tudo que, como um tumor maligno, a comunicação destrói e faz ruir espantosamente por mais inexpugnável que seja a fortaleza administrativa. Como homem de empresa há de concordar com a carência, pois quantos são os que na frágil hierarquia das organizações empresariais expressam compreensivelmente por escrito, o que pensam e o que sabem? "Eu sei...mas não consigo escrever"...certamente dir-te-ão. E nesta avalanche de pretensos doutos, te enganam a ponto de confiarem neles o desempenho dos cargos de maior importância em tua empresa.

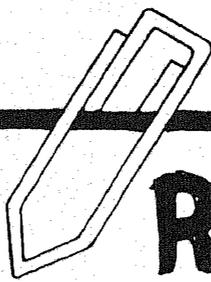
Eles não sabem, possuem as mentes entorpecidas em nebulosos bloqueios para as formas criativas e somente aceitam ver as coisas novas por um retrovisor, isto é, comparado com o que já viram. Sempre terás que expedir ordens que eles farão cumprir "à risca", como um robô programado e julgam ainda que estás satisfeito com a eficiência deles. São uns bonecos sanguessugas que não escrevem nada porque não sabem e o que é pior e muito mais deprimente, eles pensam que não precisam saber.

O consolo que podes ter, contudo, quando eles se achegam como que descomprometidos a esconder a cabeça igual avestruz, sem cobrir o descaramento da incapacidade, mansa e despreziosamente, pedem que você faça um bla...bla...blá que outra coisa não é senão, encontrar de fato a solução para o problema.

Mas, sendo paciente como também o és, aguardo que dias melhores apareçam, quando despertarem nesse país gigante, com a queda dos mitos que colocou no pedestal as mentes ocas de idéias realizadoras, para a glória dos que do nada fazem alguma coisa.

do teu amigo

O.J. FERREIRA



RECADO

CASO PLÉTICOS

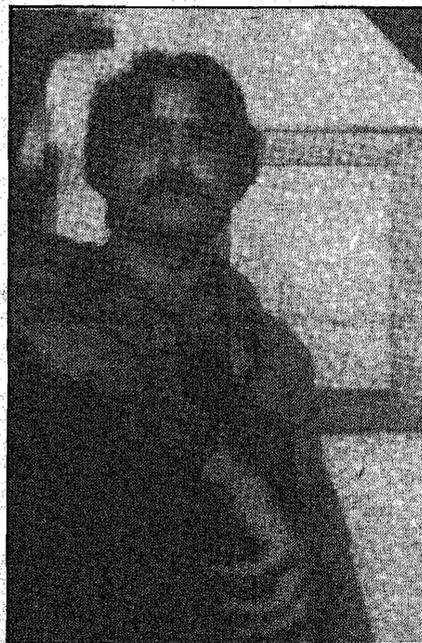
No dia 31 de maio Sônia Regina Jendiroba, secretária de Turismo, Esporte e Cultura de Joinville, fez um comunicado oficial (escrito) à imprensa catarinense esclarecendo seu posicionamento junto ao polémico caso envolvendo o artista Sílvio Pléticos (sua ida a Joinville, como didata), e os insurretos artistas plásticos da Cidade dos Príncipes. Ao tomar conhecimento do referido comunicado através do Jornal de Santa Catarina do dia 1º de junho, pasmei com algumas declarações da simpática e bonita secretária. Por não concordar com seus enunciados artísticos encaminhei, no mesmo dia, ao JSC, uma carta onde colocava-me em defesa dos artistas joinvilenses.

Publicada na seção "Do Leitor", no dia 2 de junho, vai aqui reproduzido, integralmente, seu texto:

"Sempre atento aos fenômenos artísticos catarinenses, também venho acompanhando o movimento envolvendo membros da assessoria cultural-administrativa da Prefeitura de Joinville e os artistas plásticos daquela cidade. Para analisar qualquer fenômeno ou movimento artístico, seja qual for sua natureza, parto da premissa de que o artista sempre é dono da razão e da verdade. Entretanto, quando o artista está equivocado, confuso, mal informado, etc., é preciso saber como e qual linguagem dialogal usar. Acho que não basta apenas boa formação intelectual, ou mesmo erudita, para um perfeito relacionamento artista-administração, seja ela, a relação, pública ou não. Com a larga experiência que tenho nesta área, só na Universidade de Blumenau sete anos, descobri, ou melhor, constatei que em face da extraordinária sensibilidade que envolve e protege o artista, apenas bom desempenho administrativo não é suficiente. Diplomacia, habilidade, e igualmente, e sobretudo muita sensibilidade, são requisitos indispensáveis ao bom relacionamento.

É preciso saber compreender e

entender o artista. Não é dizendo que "nenhum artista de Joinville é formado", "que são artistas de fato e não de direito" (?), "que o assunto é puramente administra-



"NILSON DELAI, um dos líderes plásticos da manchester catarinense.

tivo e que só diz respeito a nós" (JSC de 1º/6/79, pág. 15), que haverá bom entrosamento. Ora, se o povo, em geral com pouca ou baixa formação, é ouvido e auscultado, por que não seria ouvido o artista, o qual, mais que outro qualquer, sente, acompanha, vive e representa este próprio povo e o seu e o nosso universo?

Não sou contra a ida do amigo Pléticos a Joinville. Os artistas também não são. Mas para que isso aconteça ninguém precisará sair prejudicado".

No dia 22 de junho, à página 4, o JSC publicava uma nota oficial à imprensa, de responsabilidade da comissão designada para representar o "Grupo de Artistas Joinvilenses". Formavam a comissão os artistas plásticos Helena Montenegro, Nilson Delai, Índio Negreiros e Moacir Moreira (Moa). Para minha satisfação o grupo de artistas solicitava que fosse republicado, juntamente com sua nota oficial, o texto de minha carta de apoio intitulada "Posição Artística".

Depois disso um sepulcral silêncio. Todos aguardavam a volta do prefeito Luís Henrique que se encontrava na Alemanha. Com o retorno do Prefeito novamente o "caso Pléticos" emergiu. Entretanto, desde seu regresso, e até o dia 17 de julho, Luís Henrique não havia emitido nenhum parecer que pusesse termo ao "caso", ou seja, a contratação ou não do artista iugoslavo-catarinense Sílvio Pléticos. Mas no dia 18 de julho surpreendendo a todos, a secretária Sônia Regina Jendiroba colocou seu cargo à disposição. "Fiel à doutrina do Movimento Democrático Brasileiro", disse Sônia Jendiroba em nota distribuída à imprensa "mormente aquela ligada às reivindicações populares, no tangente à elevação do nível cultural, venho colocar o meu cargo de secretária de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Joinville, à disposição de vossa excelência, motivada pelos fatos acima apresentados."

Incontinenti o prefeito Luís Henrique, no dia 19, exonerou a secretária de Cultura. E a exoneração não se restringiu somente à secretária Sônia Jendiroba. Também foram demitidos seus dois auxiliares diretos. Alcides Buss (poeta de renome nacional) diretor da Casa da Cultura, e Edson Machado (desenhista premiado na PANARTE 79) diretor do Museu de Arte, também foram destituídos.

De tudo resta agora, parada no ar, dispensando-se o dito e o interdito, as antinomias e as afinidades, a seguinte pergunta: e o Pléticos vai ou não a Joinville?

Será que já foi convidado oficialmente? Para o poeta e crítico de arte Osmar Pisani, Pléticos disse que não. Com a palavra o grande artista e professor Sílvio Pléticos.

CREFISUL S.A.

FINANCIAMENTOS
CAMINHÕES E AUTOMÓVEIS
NOVOS E USADOS
CAPITAL DE GIRO
CRÉDITO PESSOAL
LETRAS DE CÂMBIO - DL 157

Rua XV de Novembro, 1336
Edifício Brasília - Térreo - S/7
Fone: 22-5660
BLUMENAU



FUNDADO EM
1847

FUNDADO EM
1847

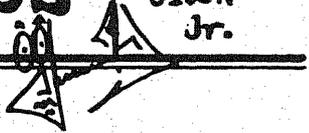
Registro de Firmas e Sociedade -
Contabilidade - Declarações de
Renda - Assistência Contábil e

Fiscal - Correção Monetária do
Ativo Imobilizado - Consultas
Correspondência (incl. alemã)

RUA XV DE NOVEMBRO, 550 - 14º ANDAR - CP. 259
ED. CATARINENSE - FONE: 22-1827 - BLUMENAU-SC

O CHATO QUE LIA Seleções

Oldemar
Olsen
Jr.



- Dois norte-americanos (pai e filho - o filho com sete anos) viajaram pela Rússia num ônibus de turismo, quando o garoto - lá pelas tantas - perguntou:

- Papai, quantos quilômetros tem a Avenida Go'ki?

- Uns 6 Km - respondeu o pai. Andaram mais alguns tempo e o menino perguntou novamente:

- Papai, quantos metros tem a Praça Vermelha?

- Deve ter uns 600 metros - respondeu o pai.

Mais outros minutos se passaram a criança voltou a carga:

- Papai, qual é a altura do Governo Russo?

O pai ficou intrigado com aquela pergunta e tentou convencer o garoto de que não era possível saber, por isso a resposta que desse não poderia ser satisfatória.

- Como posso saber - respondeu, enfim, à contra-gosto o pai.

Nesse meio tempo, o passageiro que ia sentado no banco da frente, respondeu:

- Tem 1,65 metros

- Como é que você sabe? indagou desta vez o americano.

- Bem, começou o outro, eu tenho 1,76 de altura e já estou com o governo por aqui (e apontou para o pescoço - na altura do pomo-de-adao).

Eu acabara de narrar essa história (que me haviam contado alguns dias antes) para alguns amigos, quando alguém do grupo afirmou:

- Essa eu li na Seleções do Mês passado.

Achei a observação interessante e não liguei mais para o fato.

Outro dia estávamos discutindo propaganda e outros casos de marketing, (eu na qualidade de ex-redator de publicidade - portanto, bem à vontade no assunto), haviam também, outros profissionais do ramo, inclusive o diretor de uma Agência de Publicidade Local.

Conversávamos sobre pesquisa de mercado, necessidade de consumo, quando um integrante do grupo jogou para debate a singularidade de certos produtos (simples) e definitivos e citou o caso do Bom-Bril, do Leite Condensado - elementos difíceis de se fazer concorrência.

Concordamos, enfim... Pois não havia contestação. E o bate-papo prosseguia com assuntos diferentes e variados, sem aquele compromisso pertinente à defesa acirrada, que caracteriza, às vezes, os argumentos de alguns redatores e contatos de Agências, quando desejam vender uma idéia para um cliente indeciso.

Há certa altura, falávamos sobre o racionamento de combustível - eu estava um tanto desinteressado sobre o assunto - pois não possuía automóvel - quando tive minha atenção despertada por um elemento que interrompeu a conversa para dizer:

Voltando a falar daqueles produtos, podemos acrescentar ainda, A Coca-Cola...

Antes que alguém acordasse do assombro, prosseguiu:

Vocês sabiam que o sujeito que a inventou estava tentando fabricar um

remédio, que o atual dono da patente da Coca-Cola é o terceiro e que os anteriores pobres por investirem tudo com propaganda...

Todos estavam entreolhando-se sem entenderem.

- E que a Coca-Cola é a bebida que mais se toma no mundo ...

Nisso, algum corajoso ousou indagar?

- Como é que você sabe?

Antes de responder, o sabidão ainda deu mais uma tacada:

- Seu inventor chamava-se John S. Pemberton ... Eu li isso num artigo chamado - A História Singular da Coca-Cola, não lembro o mês e nem o ano, mas tenho certeza de que foi numa Seleções.

Outra vez - imaginei - esse sujeito é um intrometido ... Mas acabei esquecendo o incidente.

Uma noite, após um dia duro de trabalho, nos reunimos num Barzinho retirado do convívio mundano e do cotidiano insolente e passamos a discutir literatura.



Entre um Chopp e outro, comentávamos a escassez de tempo que tínhamos para a leitura e quase a impossibilidade de se manter uma atividade metódica no que concerne a necessidade de livros para um homem se manter atualizado.

- Eu - afime! - procuro usufruir de todos os minutos disponíveis, vou ao banheiro - e isso já é hábito - (como o cafezinho depois do almoço) e leio pelo menos quinze minutos antes de sair de lá, de sorte que, periodicamente, um livro é iniciado e terminado naquele "lugar maravilhoso" - para citar Bertold Brecht.

- Brecht disse isso - alguém perguntou.

- E Respondi, Brecht foi o primeiro poeta a deificar esse "Lugar Maravilhoso" em seu agressivo Elogio à Privada.

- Eu, dizia outro, não possuo nem tempo para ler e nem, tampouco, dinheiro para comprar livros.

- Você está certo, sugeriram. Um homem deve ter muita coisa em casa antes de gastar com livros.

- Porque vocês não fazem como eu - aparteou o meu "amigo", eu leio sempre um livro sem fazer muita força, e isso é todo mês ...

- Alguém estava distraído, porque teve a invensatez de perguntar:

- O que é que isso tem de mais.

- Simplesmente - disse o outro - que o livro vem resumindo e trazendo as partes mais importantes

- Como assim?

- E porque leio na "Seção de Livros Condensados" na Seleções.

Aquilo já estava incluso nas minhas previsões e a bem da verdade, o sujeito já estava "famoso", aliás, sua mãe também, porque era sempre lembrada na hora em que ele aparecia.

Um dia tu "cai do cavalo" com essa maldita Seleções, vociferei entredentes.

Não se passaram muitos dias, e estávamos todos reunidos novamente, discutindo - como sempre - o que se nos ocorresse no momento a critério de nossa disposição, quando ele - o chato leitor de Seleções - apareceu ...

É hoje, pensei - já estávamos de sobreaviso - iríamos pegá-lo quando ele menos esperasse.

Todos simularam enorme satisfação em rever o dito "amigo", mas ninguém tinha esquecido ainda aquela história dos livros, e nem tampouco, as outras inevitáveis citações daquela revista imperialista.

Logo que dava uma sobre o rapaz ensaiava um monólogo e já o interrompiam dizendo para ele esperar a conclusão do assunto anterior.

- E o relógio correndo.

Aparentemente, estavam tentando adiar a hora solene e certa da menção do periódico yankees.

... E os ponteiros avançando.

Até algumas blasfêmias (heresias literárias) passaram despercebidas, tal como aquela em que, um gaiato sugeriu que o poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare não passava de um testade-ferro ... Outrora, o indivíduo que ousasse - mesmo a título de brincadeira - insinuar essa heresia literária, era sumariamente eliminado do grupo.

..Outra duas horas se passaram.

Mas todos aguardavam - com certa angústia - e nem, tampouco, sem, razão a interferência daquele acionista de uma multinacional de idéias...

... E o tempo continuava passando ...

Agora, não importava mais se ele falasse da revista ou qualquer coisa do gênero, o fato é que estávamos cansados da brincadeira e o diálogo estava oteando o ridículo. Mesmo porque, alguns já olhavam com certo ar de piedade para o pretense "réu", sem advogado de defesa (estava a pé e morava longe), e apesar de tudo, era um amigo nosso chato é verdade - mas todos tínhamos os nossos próprios defeitos e devíamos aprender a suportá-los para ter um convívio mais adequado.

E o rapaz - percebendo que as ações da revista estavam caindo na boca do povo - com algum ressentimento acumulado, levantou-se irado e exclamou:

- "Hoje é o dia de meu aniversário, só pretendia avisá-los de que: EU IA PAGAR A CONTA."

É dito isso rápido, lépido - lânguido afastou-se de nossa mesa.

D. PAULO EVARISTO ARNS O CARDEAL DO POVO

ED. ALFA-OMEGA

O ESTUDANTE

Paulo Evaristo Arns nasceu na localidade de Forquilha, um lugarejo do município de Criciúma, em Santa Catarina, a 14 de setembro de 1921. Lá viveu até os doze anos de idade e passou a infância "como toda e qualquer criança daquele tempo e daquela terra": ia para a roça, ordenhava as vacas do curral, jogava como beque no time de futebol da família (no qual jogavam também suas irmãs) e fez 6 anos de primário sendo, sempre, o primeiro aluno da classe.

Ingressou, depois, na ordem dos Franciscanos: fez o Seminário Menor e o Maior, de Filosofia no Paraná. Formou-se em teologia no ano de 1947, dois anos depois de sua ordenação sacerdotal, no Instituto dos Franciscanos de Petrópolis. Nesse mesmo ano viajou para a França, indo estudar letras na Sorbonne. Durante sua passagem por Paris cursou os "Hautes Etudes" e a "Ecole Supérieur de Pedagogie" e escreveu, em francês, A técnica do livro em São Jerônimo, sua tese de doutoramento e o primeiro de quase 30 livros que já publicou.

DE PROFESSOR A CARDEAL

De volta ao Brasil em 1953, foi professor do Seminário Menor de Agudos e depois fundou a Cadeira de Língua e Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bauru. Foi em seguida para Petrópolis, onde acumulou quase doze funções diferentes, além da de pastor da Igreja do bairro de Itamarati, a 5 quilômetros do centro da cidade, cercado por favelas no alto de seus sete morros. Ali ficou durante dez anos e meio - de 1955 a 1966, quando o Papa Paulo VI o fez bispo e o chamou para trabalhar com o cardeal Agnelo Rossi na arquidiocese de São Paulo.

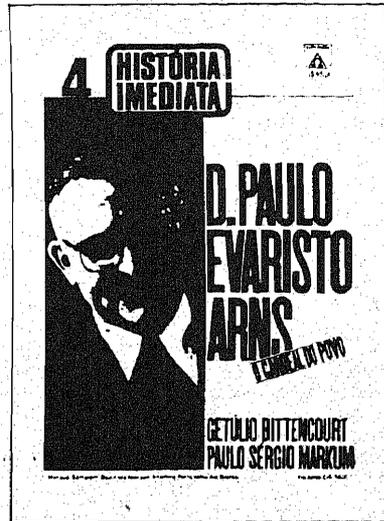
Quatro anos e meio depois, quando o mesmo Papa Paulo VI convocou o Cardeal Rossi para o cargo de prefeito da Sagrada Congregação dos Povos, no Vaticano, D. Paulo Evaristo Arns foi nomeado arcebispo de São Paulo. Arcebispo em 1970, chegaria a cardeal em 1973.

A DEFESA DOS PERSEGUIDOS

Desde o início de seu trabalho como bispo-auxiliar da arquidiocese de São Paulo, D. Paulo dedicou suas atenções a um assunto particularmente proibido no Brasil da época: o tratamento dispensado pelo regime brasileiro aos prisioneiros, em especial aos presos políticos. E foi devido a esse esforço em prol dos Direitos Humanos que, muitas vezes, teve de suportar os ataques de diversos governos brasileiros, a censura de suas falas na imprensa e que, ao mesmo tempo, ganhou notoriedade nos noticiários dos jornais europeus e americanos sobre o Brasil.

É tão importante é hoje, a figura de D. Paulo no movimento pelos Direitos Humanos no Brasil que o próprio presidente Carter, dos Estados Unidos, presidiu a solenidade em que se conferiu ao cardeal Arns o título de doutor honoris causa da Universidade de Notre Dame, em reconhecimento da sua atuação em fa-

vor dos presos comuns e políticos, exilados, torturados e perseguidos no Brasil.



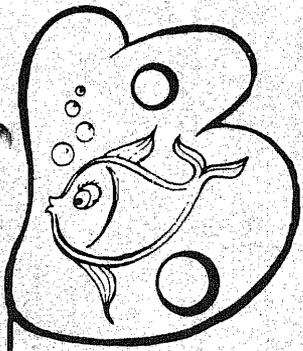
O CARDEAL DO POVO

E tem sido justamente a sua atuação em defesa dos Direitos Humanos, das populações das periferias das grandes cidades, dos presos políticos que fez com que D. Paulo Evaristo Arns ganhasse a simpatia generalizada da população e passasse a ser conhecido como "o cardeal do povo". Com esse título carinhoso, ganhou as manchetes dos jornais e é, hoje, um dos nomes mais mencionados nos noticiários da imprensa brasileira.

A importância do cardeal Arns nos processos de emancipação dos setores menos favorecidos da sociedade, a sua posição firme em defesa dos direitos da pessoa e contra as torturas sistemáticas de presos e, principalmente, a influ-

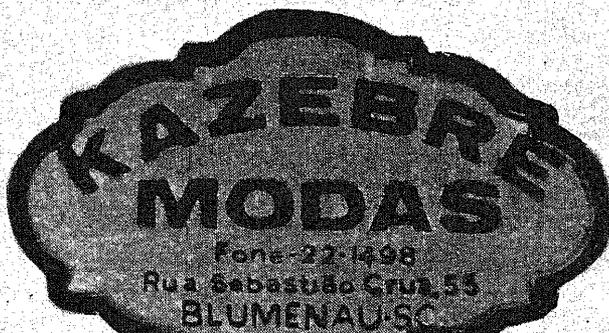
ência profunda de seu trabalho na evolução dos acontecimentos políticos e sociais que hoje se vive no Brasil foram exatamente os motivos que levaram a Editora Alfa-Omega a encomendar aos repórteres Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum a reportagem "D. Paulo Evaristo Arns - O cardeal do povo", matéria que compõe o quarto volume de História Imediata, a série de livros-reportagem da Alfa-Omega sobre a História Recente do Brasil.

Trata-se de um documento inédito e da maior importância para todos os que se interessam pela atualidade política e social brasileira que traça o perfil do cardeal-arcebispo de São Paulo, de suas lutas, suas opiniões, suas predileções, em 80 páginas de depoimentos inéditos e contendo até algumas revelações surpreendentes - como por exemplo a correspondência do presidente norte-americano Jimmy Carter e sua família com D. Paulo ou a história da confissão de um torturador arrependido. A reportagem é ilustrada com mais de 30 fotografias e traz, em apêndice, o primeiro documento da Igreja de São Paulo - contra a tortura sistemática de presos políticos no Brasil, emitido pela Regional Sul-1 da CNBB em 1972, além do "ABC de D. Paulo" - um breve glossário das palavras que o cardeal usa em seus livros, na defesa da dignidade da pessoa humana.



BLUMENAU
MODAS

CHEGUE PERTO
DOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS



Fone: 27-1498
Rua Sebastião Cruz, 55
BLUMENAU - SC

TITO'S
CALÇADOS E CONFECÇÕES

Rua Curt Hering - 149 - Centro

FONE: BLUMENAU FONE:

Por MARCOS BEDIN -CORRESPONDENTE-

PAULO DE SIQUEIRA: DESTAQUE EM CHAPECÓ

O artista plástico Paulo de Siqueira é considerado pioneiro na pintura e escultura contemporânea no Oeste. Com cinco anos de atividades em Chapecó, se consagrou com razoável sucesso em Santa Catarina onde participou de várias exposições estaduais com boa aceitação popular. Para 1979 anunciou uma série de exposições individuais e coletivas em Chapecó, Joinville, Blumenau e Florianópolis onde apresentará várias dezenas de novos quadros e esculturas. (POR MARCOS BEDIN)

A necessidade de maior valorização, apoio e incentivo aos artistas do Oeste catarinense é a principal queixa que o pintor e escultor Paulo de Siqueira tem com relação a estas atividades culturais numa região onde ingressou pioneiramente em 1968, com a realização da primeira exposição de artes de Chapecó.

De Siqueira pinta desde os sete anos. Sua arte tem visíveis raízes expressionistas e o tema principal de suas telas é a figura humana. Seu estado de espírito se projeta na pintura, dando contornos nítidos a uma arte perfeitamente identificada com o artista.

Criador por convicção ("não tenho outra opção profissional ou de vida"), Paulo de Siqueira acha que o artista ideal tem, além de uma profunda sensibilidade - sua característica maior - uma constante insatisfação espiritual. Por vezes compraz-se admirando uma obra recém-produzida, mas este deleite é fugaz; imediatamente retorna ao estado anterior, insatisfeito e sedento de novas criações. Paulo de Siqueira não crê em artista satisfeito, atribuindo, a estes uma "pseudopersonalidade." Além destes traços peculiares, o artista ideal ressalta-se pelo arrojo, capacidade de vencer obstáculos materiais e pelo choque (sensibilização) que causa nos observadores, quer seja individual ou coletivamente. Inevitavelmente, a partir daí, o artista tende a quebrar alguns tabus e preconceitos sendo, não raramente, mal interpretado na sociedade. Aliás, é sob este aspecto que Paulo de Siqueira faz reclamações. Quando radicou-se efetivamente em Chapecó, no ano de 1972, sentiu com maior intensidade a hostilidade dos setores culturais para com a arte alienígena. Certamente não teria tido resultados financeiros consideráveis se, em sua bagagem profissional não trouxesse profundos conhecimentos de paisagismo e decoração, do que usufruir, paralelamente, para subsistir.

O artista chapecobense afirma estar atravessando uma fase ecológica, também chamada fase vegetal. Assegura estar recebendo continuamente as vibrações do ambiente o que o possibilita, em consequência, retratar a sua versão particular da realidade, do ambiente, das circunstâncias.

Pode também fazer previsões proféticas através da cosmovisão com que observa o universo, seu e dos outros.

Comumente, De Siqueira não compara o artista com as pessoas normais, não definindo a arte "nem com valores cromáticos, nem com valores materiais".

ESCULTURA

Na escultura tem se destacado. Em ferro, madeira e cerâmica fez bons trabalhos no que qualifica como desenho colocado em formas concretas. Esta atividade tem lhe granjeado muito prestígio. Para a Cooperativa Central Oeste Catarinense, de Chapecó, criou uma escultura em ferro com cinco metros de altura e pesando uma tonelada, numa representação do cooperativismo internacional. A obra esteve exposta na ARS/ARTIS Chapecó/77 e será colocada



Paulo de Siqueira em seu Ateliê



O artista em um momento de lazer.

em frente a sede da cooperativa. Na rodoviária municipal de Joaçaba fez um grande trabalho paisagístico.

Na sala de sessões da Câmara Municipal de Chapecó, uma pintura ocupa toda a parede sul abordando os ciclos de desenvolvimento histórico do município e do Oeste desde a sua implantação e colonização, enaltecendo os valores étnicos, sociais e antropológicos que contribuíram para a formação geográfica, política e econômica e o município.

FUTURO

O artista plástico pretende participar de exposições coletivas de catarinenses pelas galerias Lascaux de Joinville e Ars/Artis de Florianópolis. Em Chapecó e Blumenau promoverá exposições individuais. Para isso vem pintando, desde dezembro, novos quadros. De um total de 30, selecionará vinte para esta finalidade. Ainda para este ano, De Siqueira fará uma escultura em ferro de um Índio em posição de combate.

Com seis metros de altura, ela pesará uma tonelada e será instalada no trevo de acesso da BR-282 a Chapecó, dando amostra das origens culturais e antropológicas do povo oesteño.

Em agosto do ano passado, na realização da ARS/ARTIS Chapecó/77, expôs seis quadros e uma escultura. Todos foram vendidos. Em novembro passado, no panorama da arte catarinense, promovida pela Lascaux de Joinville, sua telas apresentaram boa receptividade. Dentro de seu currículo de apresentações constam o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e galerias de Passo Fundo, onde viveu grande parte de sua vida.

MERCADO

O mercado para a arte no Oeste é relativamente restrito. O artista repudiou a comercialização de estampas em escala comercial e industrial e o artesanato barato, pseudobarroco e pseudo-expressionista que prejudica os artistas sérios, conscienciosos e esforçados. Defendeu a importância de cada família ter ao menos uma obra artística de real valor. Para a realização da arte - asseverou - as pessoas deveriam ler mais, estudar e comentar com os próprios artistas o assunto abandonando os velhos e falsos obstáculos que amide afastam o público do artista, dando a este características metafísicas.

Exemplificando, citou Assis, Rodrigo de Haro, Juarez Machado, Meyer Filho, Elke Hering, Dimar Rosa e Alberto Luz, como artistas que seguem as linhas gerais de seu expressionismo e conseguem conotações repercutivas junto às camadas populares.

Gaúcho de Soledade, Paulo de Siqueira admite ter recebido influências de Chico Stokinger e Vasco Prado (coetâneos), admirando com especial ardor Picasso, Toulouse Lautrec e Van Gogh. Os muralistas mexicanos Orzoco, Diego de Oliveira e Oscar Cocosca se constituem em discretas paixões do artista.

DESBRAVADOR

Paulo de Siqueira considera ter desbravado os caminhos para a maciça penetração de cultura no Oeste catarinense. Sua arte, a princípio incompreendida ou rejeitada, passou a receber aplausos dos chapecoenses que o consideram hodiernamente, ao lado de Agostinho Duarte, Antônio Chiarello e Elvo Damo (este, voltado para um esquema essencialmente paranaense de pintura) na condição de representante exponencial da jovem comunidade cultural da região.

Em seu ateliê na avenida Getúlio Vargas esquina com a Barão do Rio Branco, o pintor trabalha diuturnamente. Além de decorador e paisagista é também programador da Secretaria Municipal e Urbanismo e Meio-Ambiente. Para quem a pintura representa furacões espirituais colocados em limites estéticos (telas), De Siqueira reafirmou sua convicção em desenvolver intensas atividades durante este ano, pintando e esculpindo, mas ainda com uma briga que resolveu não fraquejar: incutir na população maior senso de respeito para com a classe de artistas - "o termômetro do crescimento cultural de uma nação" - exigindo, em decorrência, o reconhecimento da responsabilidade histórica que merece.

TEM MULHER NISSO

JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

Se o Ano Internacional da Mulher comemorado em 1975 mudou completamente o dia-a-dia de muitas mulheres brasileiras, todavia não chegou a contagiar a maior parte delas que, ou não tiveram conhecimento do evento ou não quiseram encará-lo como um marco importante para uma tomada de posição mais crítica, mais consciente e mais política. Por isso os sindicatos de classes continuam ainda, na sua quase totalidade, ignorando a figura da mulher, impedindo a participação do elemento feminino nas suas diretorias e não facilitando a organização de departamentos femininos dentro dos próprios sindicatos. Esta omissão de diretorias machistas nos sindicatos além de impedir o fortalecimento de uma verdadeira força de pressão que todo sindicato atuante deve possuir, enfraquece substancialmente a vida sindical porque os departamentos femininos lutarão não só para oferecer soluções aos problemas femininos, mas também atuarão juntos aos companheiros pelas reivindicações comuns.

Por outro lado, o Ano Internacional da Mulher, a partir das suas posições e decisões, aproximou muitas das mulheres mais preocupadas com a própria situação de descaço, reunindo em grupos femininos e feministas para lutar por objetivos comuns. E assim, denunciando a nossa sociedade opressora e discriminativa que não parece a propensa a conceder à mulher os mesmos privilégios que concede ao homem, estes grupos femininos e feministas devem procurar, a força de suas parcas possibilidades, criar os instrumentos mais eficazes capazes de diminuir o abismo que persiste entre a mulher e o homem no seio da sociedade brasileira.

Atualmente estes grupos configuram um painel dinâmico, resultado da real capacidade aglutinadora da mulher brasileira, onde convivem, com quase idêntica gama de problemas, insatisfações e necessidades, a dona-de-casa, a empregada doméstica, a artista, a professora, a advogada, a política. O resultado mais palpável desta movimentação toda é o aparecimento, cada vez maior, de novos grupos pelo Brasil e o jornal "A Folha de São Paulo" em recente reportagem do seu semanário "Folhetim", sob o título "A Mulher e a Política" relacionou 12 dos mais importantes grupos femininos e feministas. Todos eles se norteiam basicamente em dois pontos nevrálgicos. Um, a conscientização da mulher-membro para a sua realidade de dificuldade e submissão; o outro, a reivindicação de melhores condições de vida para a mulher em geral. São eles: Associação das Donas de Casa; Centro da Mulher Brasileira; "Grupo Pró-Mulher"; "Clube das Mães"; "Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira"; "Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos"; "Sociedade Brasil-Mulher"; "Movimento Feminino do MDB"; "Movimento Feminino pela Anistia"; "Associação das Mulheres"; "Grupo Nós Mulheres"; "Movimento Contra a Carestia".

Neles, aglomerados nos grandes centros urbanos, as mulheres fazem de tudo, reivindicando salários mais justos, trabalho, creches, pela anistia a presos políticos, contra o custo de vida, denunciando as condições precárias em que está mergulhada a nossa sociedade, fazendo política.

O mesmo "Folhetim" divulga a pesquisa da socióloga Eva Alterman Blay que, segundo a mesma, o Brasil teve, de 1972 a 1976, 59 prefeitas eleitas principalmente no Nordeste. Na última eleição algumas mulheres conseguiram grandes resultados nas urnas, ocupando cadeiras nas Assembléias Estaduais, Câmara Federal e Senado, com Eunice Michilis se tornando a primeira senadora do Brasil. Todavia, apesar da movimentação constante dos grupos femininos e feministas, a conclusão a que se chega sobre a atuação da mulher em cargos políticos ou empresas privadas não é muito satisfatória. Muito ainda a mulher brasileira precisa lutar para conseguir grandes vitórias. E isto ela só logrará alcançar se se organizar numa campanha maciça, consciente, constante, criando possibilidades e opções para uma atuação em pé de igualdade ao homem, derrubando, por conseguinte, todas as barreiras machistas e prepotentes que ainda persistem, os maiores obstáculos para o sucesso da mulher brasileira.

TECNOSUL

ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.

CONSULTORIA INDUSTRIAL DE ALTO NÍVEL

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - ED. BRASÍLIA - CJ. 125
FONE: 22-4058

Moda Jovem

SACO



BLUMENAU - SC

MODA JOVEM LEVIS - LEE

AO LADO DA HABITASUL

ITB

INSTITUTO TÉCNICO BLUMENAUENSE

CURSOS: - Decoração, Des. arquitetônico
Des. de máquinas, Des. artístico e publicitário, Des. de perspectivas, Des. de instalações prediais.

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - CONJ. 65

I CONCURSO CATARINENSE DO LIVRO INFANTIL

Comemorando o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA e criando condições para que os nossos autores se dediquem ao fascinante mundo da literatura infantil, a Editora Lunardelli idealizou e está lançando o I CONCURSO CATARINENSE DO LIVRO INFANTIL, iniciativa pioneira que objetiva o aparecimento de uma variada quantidade de novos originais dedicados à infância, suprimindo assim uma lacuna existente em nossa literatura.

Os autores interessados podem obter maiores informações, com, aquela Editora, que promete para breve o fornecimento de maiores detalhes, bem como a apresen-

tação do regulamento geral do concurso.

Ao Primeiro colocado será oferecido um Prêmio de Cr\$ 20.000,00 (Vinte Mil Cruzeiros) além da publicação do livro e a sua conseqüente divulgação em todo o território nacional.

Os originais devem ser encaminhados em 3 vias datilografadas e com as ilustrações respectivas, ao endereço da Editora (Rua Victor Meirelles, 28 em Florianópolis-SC) até o prazo máximo de 20.12.79.

Contando com o seu tradicional apoio à difusão de eventos dessa natureza, aqui continuaremos ao seu inteiro dispor.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE CORREIO INTERNACIONAL - MAIL ART SHOW

Biblioteca Pública Machado de Assis
de 22 a 25 de agosto de 1979

Envie-me, xerox, postais, fotos, experiências, poemas visuais, arte carimbo, impressos, etc.,
Send-me: xerox, post cards, gluings, experiences, visual poems

Todos os trabalhos serão expostos.
(all work will be exhibited)
Não retornam (no returns)
Todos os participantes receberão catálogo (all the participants will receive catalogue).
Prazo (deadline): agust 18 of 1979
18 de agosto de 1979
Send to/envie para:
Gilmar Eli Cardoso
Caixa Postal 1066 -
86700 - Araçongas - Pr - Brasil
(divulgue esta exposição)
(extend this invitation).

AMOSTRA DE POESIA

Biblioteca Pública Machado de Assis
Centro Cultural Erico Veríssimo
de 22 a 25 de agosto de 1979
Araçongas - Paraná.

- O poeta interessado em participar pode enviar 3 (três) poemas-cartaz (tamanho aproximado: 30 x 50 cm).

- Pode também enviar seus poemas mimeografados, a àcool ou a tinta, impressos, etc., para serem distribuídos durante a promoção.

- Os responsáveis por órgãos da imprensa alternativa podem enviar quantos exemplares desejarem para serem divulgados e distribuídos durante a promoção.

Não temos fins lucrativos.

Prazo: 18 de agosto de 1979

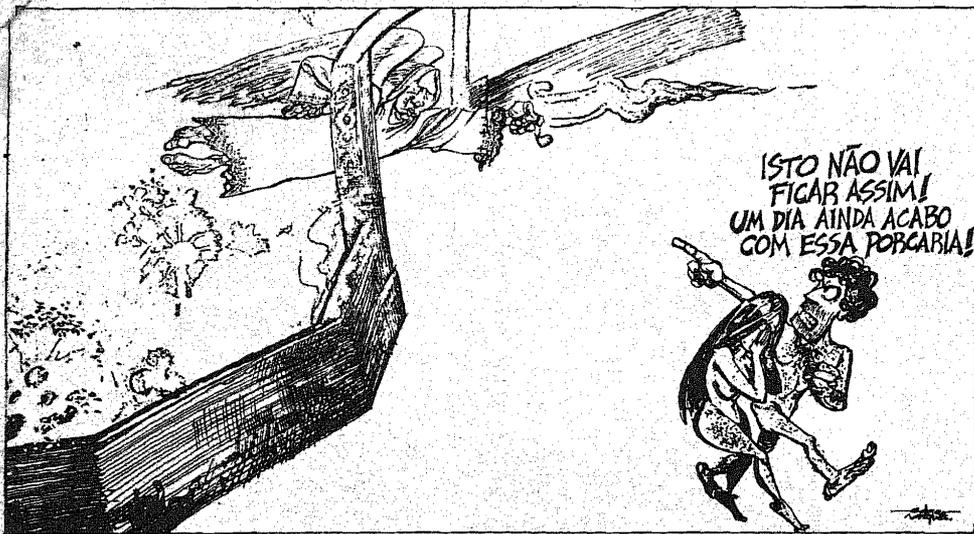
Enviar para:

Pena

Caixa Postal 1066

86700 - Araçongas - Paraná

(Divulgue este convite - passe para seus amigos).



EXPOSIÇÃO DE CARTOON NA FURB

Numa promoção do Diretório Acadêmico Frei Fulgêncio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da FURB, do Departamento de Cultura da Cidade de Blumenau terá lugar naquela instituição, uma importante mostra de Cartoon, versando sobre a Ecologia (poluição, desmatamento, etc.).

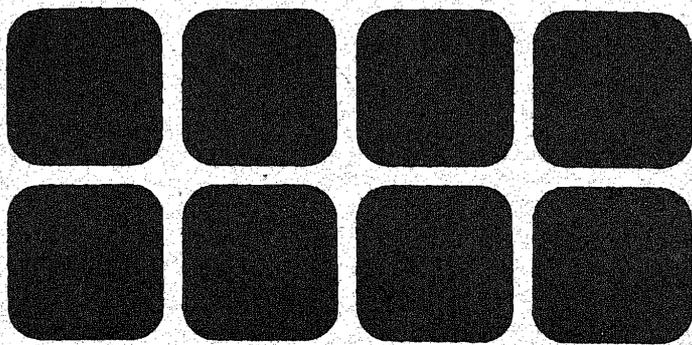


SE VOCÊ PENSA EM JÓIAS COM DIAMANTES ESTÁ PENSANDO EM NOSSA LOJA.

Temos a maior variedade de jóias com diamantes, para todos os gostos e nos mais variados preços. Uma delas é a que você está procurando. Faça-nos uma visita. Nós faremos tudo para que você possa realizar o sonho de ter ou presentear uma jóia de classe.

Um diamante é para sempre.

BJA BAIER
JOALHEIROS



Flamingo
BLUMENAU
ITAPEMA
FLORIANÓPOLIS